

SOUSA GALITO, Maria (2010). Em Memória do Prof. Doutor Ernâni Rodrigues Lopes. CI-CPRI, AO, N°6, 4 de Dezembro, pp. 1-3.

AO: Artigo de Opinião



Em Memória

Do Prof. Doutor Ernâni Rodrigues Lopes

1. *O amor à pátria é a nossa lei.*
2. *A Lusofonia é uma questão estratégica fundamental para os actuais Estados Membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).*

Conheci o Prof. Ernâni Lopes no ano de 2003. Eu estava a frequentar há um ano o Programa de *Ciência Política e Relações Internacionais* do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, e a cadeira era *Construção Europeia*.

Nunca mais me esqueço da entrada do Prof. na sala: alto e magro, caminhava a passo largo e determinado, num porte direito. O toque do seu telemóvel era a sirene de uma ambulância, segundo o próprio, para se ouvir com clareza e que, se tocasse, teria de atender.

O Prof. era entusiástico, gesticulava muito e andava de um lado para o outro enquanto inspirava respeito e consideração nos alunos, que não conseguiam deixar de olhá-lo a cada segundo. Portanto, logo na primeira aula me impressionou. A sua voz portentosa enchia a sala, espelho de um carisma imenso. Um senhor admirável.

Como o Prof. falou duas ou três vezes sobre lusofonia, sobre os países de língua oficial portuguesa, o tema sobre o qual eu queria escrever, resolvi pedir-lhe, guiada pelo instinto, para ser o meu orientador de tese. Achei que era a pessoa ideal, pois foi empatia à primeira vista. O pedido até foi efectuado no intervalo da segunda ou terceira aula. Eu devo ter dito algo que o impressionou pois, para meu espanto, aceitou de imediato. E foi assim, que entrei no mundo especial do Prof. Ernâni Lopes.

Para mim foi sempre um grande docente. Mas pouco a pouco fui-me apercebendo do grau de influência que o Prof. exercia sobre quem o rodeava, da importância que atribuía à Lusofonia, e que muitos lhe reconheciam ter sido o melhor Ministro das Finanças da República Portuguesa após o 25 de Abril de 1974.

Afinal, tinha aplicado o pacote de austeridade exigido pelo FMI em 1983 e, dois anos mais tarde, tinha sido responsável pelas negociações que levaram à assinatura do tratado

de adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), o que correspondia a uma viragem na geopolítica portuguesa.

Era um senhor de grande fé, íntegro e de sólida formação moral. Como eu sou da época em que se aprendia que a influência dos actuais economistas é semelhante à dos antigos guerreiros, recordo pensar que eu tinha recebido um presente, o de conhecer o *Condestável* da República.

Fui sua aluna durante um semestre, foi meu tutor durante quatro anos, trabalhei depois para o Prof. a seu convite. Ao todo, a experiência de sete anos foi inigualável.

O Prof. tinha uma personalidade fortíssima. Nas aulas, nos seminários, em fóruns públicos ou no ambiente de trabalho, assim que chegava era o centro das atenções e sempre quem mais falava. Nas reuniões do *Círculo de Reflexão Lusófona* discursava ou explanava durante oitenta por cento do tempo disponível e a sua opinião prevalecia mesmo quando na sala havia convicções diferentes.

O Prof. era muito sincero, o que o fazia imprevisível e altamente respeitado. As pessoas pensavam duas vezes antes de falar na sua presença, pois sabiam que diria a sua opinião, a qual não era neutra.

A sua inteligência superior e visão estratégica sobre temas de máximo interesse nacional desarmavam audiências. Não era consensual. Não se pode agradar a todos. Quem ouvia as suas palavras nem sempre acreditava na crise anunciada. Mas o Prof., mais do que reconhecer os problemas, listava uma série de soluções. O Prof. identificava os prós e contras, e explicava cenários possíveis. Indicava caminhos, os quais, na sua opinião, melhor chegavam ao rumo desejado: que Portugal fosse maior do que PPP (pequeno, pobre e periférico) e se reformulasse no prazo de quinze anos, enquanto *houvesse memória e a respectiva continuidade*, antes que fosse tarde demais.

Quando o conheci, parecia ser muito saudável. Quando todos tinham frio, o Prof. mantinha-se em camisa e fiel aos seus princípios. As suas ocupações, mesmo numa fase tardia da doença, eram imensas e nunca se queixava. Era exigente na medida em que exigia a si próprio e parecia não querer descansar. Talvez antecipando o seu fim, investiu em deixar o maior dos legados que pôde.

Recordo as primeiras pústulas que lhe apareceram no rosto e a forma corajosa com que estoicamente aguentava o sofrimento que o afectava. Muitas vezes nem parecia estar doente, mas sempre muito ocupado. A música clássica e a ópera ecoavam sempre do seu gabinete, já nos tempos da PT e depois na SAER. A sua tranquilidade era regra. Era um professor que ensinava. A sua vida era uma sala de aula para quem quisesse aprender. Estudava-se no dia-a-dia com a sua sapiência.

O Prof. esteve presente enquanto júri do meu Doutoramento a 28 de Novembro de 2008. Foi dia muito importante para mim, o qual pude partilhar com a minha família.

Poucos dias depois, soube que o Prof. estava no IPO, uma das muitas vezes em que entrou e saiu, por causa do cancro que o afectava. Mas como a supervisão era imensa e o Prof. recuperava, eu cheguei a pensar que conseguiria manter-se por mais anos na nossa companhia.

O Prof. era acima de tudo generoso, honrado e muito boa pessoa. Dizia tudo o que pensava. Mas era acessível e doce. Para mim sempre foi muito querido. Tinha um sorriso imenso e não desanimava. Já no fim apercebi-me da sua vulnerabilidade e tinha sempre muita pena de o deixar, não fosse a última vez que o visse. Cheguei a pedir-lhe que me promettesse que ia ficar bom de saúde.

Recebi o telefonema da SAER às 11h da manhã do dia 2 de Dezembro, a avisar que o Prof. tinha perecido. A sombra dessa hipótese surgira perante as últimas notícias de febre constante. O quadro clínico avizinhava-se semelhante aos derradeiros dias do linfoma que matara o meu tio em 2001. Mas não deixou de ser um grande choque.

Nos dias de missa de corpo presente, as lágrimas enevoaram-me os olhos e foi em desassossego que vi o Prof. rodeado pelas suas medalhas mas já sem vida. Sei que foi uma perda para o País. Mas foi uma grande perda para mim, pois foi um grande professor, um bom amigo e tenho muitas saudades dele.